



miguilim

revista eletrônica do netli

volume 8, número 3, set.-dez. 2019

UMA CONTRIBUIÇÃO À CRÍTICA BAKHTINIANA: A(S) LEITURA(S) DE KRISTEVA, O TERMO “SLOVO” E OUTROS PROBLEMAS EM ALGUMAS TRADUÇÕES



A CONTRIBUTION TO BAKHTINIAN CRITICISM: THE KRISTEVA'S READING(S), THE TERM “SLOVO” AND OTHERS PROBLEMS IN SOME TRANSLATIONS

Nathan Bastos de SOUZA
Valdemir MIOTELLO

Universidade Federal de São Carlos, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | O AUTOR
RECEBIDO EM 25/08/2019 • APROVADO EM 02/01/2020

Resumo

O objetivo deste texto é estudar a fortuna crítica produzida pela recepção da obra bakhtiniana a partir de três prismas: a(s) leitura(s) de Julia Kristeva, na França; a tradução do termo russo “slovo” e a aproximação em algumas traduções da teoria dos “atos de fala”. Para tanto, nosso material de análise é constituído de alguns textos assinados por Kristeva e um conjunto de traduções ocidentais de Bakhtin (algumas vertidas ao português, espanhol, francês, inglês e italiano, direta ou indiretamente) a que tivemos acesso. Valemo-nos das discussões da teoria da tradução desenvolvida por Venuti (2000), Jakobson(1995) e Rónai(1987) para compreender

como as traduções respondem a determinados públicos. Nossas discussões permitem aventar três perspectivas de trabalho: sobre a(s) leitura(s) de Kristeva, uma dupla recepção – ora entendida como trabalho autoral de base bakhtiniana, ora vista como desvio da teoria; sobre o termo ‘slovo’, as traduções sempre destacam a polissemia, mas percebemos, porém, uma tentativa de fixação de valores adequados de tradução, ora como “palavra”, ora como “discurso”; sobre a aproximação com a teoria dos atos de fala, trata-se de uma acomodação feita para atender a um público específico, qual seja, o anglófono.

Abstract

The aim of this text is to study the critical fortune produced by the Bakhtinian work's reception from three prisms: Julia Kristeva's reading(s), in France; the translation of the Russian term “slovo” and the approximation in some translations of the theory of “speech acts”. Therefore, our material of analyses is constituted of some texts written by Kristeva and a set of occidental Bakhtin translations (some translated from Portuguese, Spanish, French, English and Italian, directly or indirectly) that we had access to. We start from the theory of translation discussions developed by Venuti (2000), Jakobson (1995) and Rónai (1987) to understand how the translation answer to a specific public. Our discussions allow us to think about three work perspectives: about Kristeva's reading(s), a double reception – first, understood as an authorial work based on Bakhtinian theory and then as something that deviates from the theory; about the term “slovo”, the translations always emphasize the polysemy, however, we observe an attempt to fix appropriate translation values, sometimes as “word”, sometimes as “discourse”; about the approximation with the theory of “speech acts”, it is an accommodation made to attend an specific public, that is, the Anglophone.

Entradas para indexação

PALAVRAS-CHAVE: Estudos bakhtinianos. Crítica bakhtiniana. Teoria da tradução.

KEYWORDS: Bakhtinian studies. Bakhtinian criticism. Theory of translation.

Texto integral

Primeiras palavras

Uma tradução sempre comunica indiretamente o que um autor escreveu alhures. Por isso, a discussão sobre “aquilo que o autor disse” tem de ser posta em suspenso para abrir espaço ao debate sobre “aquilo que o autor disse na língua X”. A tradução sempre trabalhará nos limites da alteridade, um tradutor sempre vislumbra o outro que será o leitor e é para esse outro (idealizado/ideal) que traduz. As traduções variam no que se refere à língua de chegada, ao país de chegada e ao tempo em que é feita.

Nessa esteira, pretendemos contribuir com uma discussão a respeito da fortuna crítica produzida a respeito da obra bakhtiniana. Trabalharemos, assim,

com três óticas a respeito desse tema, quais sejam, a(s) leitura de Julia Kristeva, na França; as discussões de tradutores e leitores de Bakhtin sobre o termo russo “slovo”; a relação estabelecida pelas traduções inglesas e suas derivadas em relação à teoria dos atos de fala. Nesse sentido, utilizamos como arquivo de análise três textos da pesquisadora franco-búlgara: uma resenha publicada pela primeira vez em 1967 em que discutia os livros de Bakhtin sobre Dostoiévski e sobre Rabelais¹, um prefácio publicado na tradução francesa de *La Poétique de Dostoïevski* de 1970 (Editions Du Seuil)² e uma entrevista concedida a Clive Thomson, em 1997 (KRISTEVA e THOMSON, 1998). Para a questão do termo russo “slovo” e para o problema dos “atos de fala” recorreremos às diversas traduções de textos bakhtinianos, de diferentes línguas, traduzidas direta ou indiretamente.

Nossa reflexão está organizada da seguinte maneira: na primeira seção do texto contextualizamos a obra bakhtiniana apontando alguns momentos decisivos para as discussões que foram feitas fora da Rússia. Na seção seguinte apresentamos Kristeva como leitora de Bakhtin, cotejando textos dessa autora com as reações a seu empreendimento entre leitores e tradutores de Bakhtin e, por fim, ancoramos essas questões na teoria da tradução formulada por Venuti (2000), Jakobson (1995) e Rónai (1987). Na terceira seção tecemos alguns apontamentos a respeito da tradução do termo “slovo” em algumas traduções que manuseamos e problematizamos a adaptação feita pelos tradutores ingleses que aproxima Bakhtin da teoria dos atos de fala. A última seção reúne algumas considerações finais a que chegamos.

A obra bakhtiniana em contexto

Para tratarmos da crítica bakhtiniana é preciso, preliminarmente, conhecer o que envolve a vida e a produção das obras de Bakhtin e também de Volochínov e Medviédev³. Remetemo-nos à Rússia dos anos 1920-1930, que se recuperava de dois grandes eventos em sua própria história, quais sejam, a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e a Revolução Russa (1918); esse contexto produziu simultaneamente uma situação de pobreza generalizada e de efervescência intelectual.

Esse era um momento de emergência de grupos de discussões, embora fossem, muitas vezes, clandestinos. Um entre eles passou a ser chamado, *a posteriori*, “Círculo de Bakhtin”; justamente entre a segunda e terceira décadas do século XX o grupo escreveu alguns livros que se tornaram paradigmáticos para os estudos da linguagem na segunda metade do último século, quais sejam, *Freudismo* (1927), *O método formal nos estudos literários* (1928) *Problemas da obra de Dostoiévski* (1929) e *Marxismo e filosofia da linguagem* (1929)⁴. Passada a década de 1930, Volochínov (em 1937) e Medviédev (em 1938) faleceram; Bakhtin viveu no esquecimento acadêmico até pelo menos o começo dos anos 1960, quando alguns estudantes encontraram seu livro de 1929 sobre Dostoiévski em uma biblioteca universitária e lhe escreveram uma carta⁵.

Em 1963, Bakhtin publicou a reformulação do livro a pedido desses mesmos estudantes, o novo título atribuído foi *Problemas da poética de Dostoiévski*. Dois anos mais tarde (1965) é publicada na Rússia a primeira edição da tese de Bakhtin, *A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais*.

Kristeva leitora de Bakhtin e uma ancoragem na teoria da tradução

Já em 1967 Kristeva publicou um texto em que resenhava ambos os livros do autor russo, até então pouco traduzido e quase desconhecido no Ocidente⁶. Quando perguntada na entrevista de 1998 a respeito de como conheceu a teoria de Bakhtin, Kristeva afirma que o leu em russo, quando estudava na Bulgária ainda. Mais tarde, Gérard Genette e Roland Barthes, professores de Kristeva, estiveram em sua defesa de tese e ambos desconheciam a teoria do filósofo russo.

Genette e Barthes nunca tinham ouvido falar de Bakhtin, eles consideraram seu pensamento emocionante. Barthes pediu-me para fazer um trabalho sobre Bakhtin para sua aula. Foi assim que preparei um texto destinado tanto à revista *Critique* quanto ao seminário. Essa apresentação aconteceu no Outono de 1966, pouco antes de o texto ter sido publicado na revista *Critique* (KRISTEVA, THOMSON, 1998, p.17)⁷.

Assim, de acordo com as informações que Kristeva declara na entrevista, sua leitura desde o início recebeu o entusiasmo de outros. Se considerarmos o contexto em que a resenha de Kristeva apareceu e as forças intelectuais que persuadiram o público francês na época (Genette, Barthes), é bastante fácil prever as repercussões que produziria na intelectualidade ocidental, que desconhecia Bakhtin e não lia em russo, mas lia francês. A resenha de 1967, que pode ser consultada em Kristeva (1997, em espanhol; 2005, em português)⁸, estabelece padrões mais próximos ao público francês do fim dos anos 1960, que conhecia com alguma propriedade a teoria linguística e a teoria da literatura.

Navarro (1997, p. V), em texto que comemora os trinta anos dessa resenha, afirma que em Paris em abril de 1967 corria o período de ebulição revolucionária que precedeu e conduziu ao Maio de 68, nesse cenário, a figura da jovem Kristeva, detentora de conhecimentos vastos a respeito da cultura francesa e versada em ciência literária e semiótica eslava, se une a outros intelectuais de esquerda do círculo *Tel Quel* lutando contra a ideologia burguesa apelando ao marxismo, à psicanálise e à linguística. Somente essas informações a respeito do grupo que Kristeva convivia e as teorias que embasavam seus estudos já demonstram que a leitura que fez é datada. O que a própria autora reconheceu:

[...] Estou contente por ter contribuído para a difusão destes textos que, em minha opinião, se revestem de grande importância. Não penso apenas nas obras sobre Rabelais e Dostoiévski, mas também em toda a pesquisa de Bakhtin que foi posteriormente posta em evidência. Estou feliz também que a partir daí houve interpretações melhores, mais fiéis a Bakhtin. A minha ideia consistia, em primeiro lugar, em indicar a sua existência e colocá-la no contexto francês. Era necessário, portanto, interpretá-lo a partir desse contexto, torná-lo legível aos franceses. O que pode ser considerado uma fraqueza, porque esse passo resulta em um Bakhtin traduzido e adaptado ao olhar francês. Eu acho que era uma necessidade para mim, uma coisa boa para todos, não fosse essa acomodação, talvez tivesse surgido como parte do folclore russo e não tivesse suscitado o interesse de que goza atualmente (KRISTEVA, THOMSON, 1997, p.19-20)⁹.

Nesse excerto a autora afirma que foi obrigada a “adaptar” a teoria, extremamente inovadora na época, para que o público francês conseguisse ler Bakhtin, que seu trabalho, bastante criticado, foi no sentido de torná-lo legível. Segundo Kristeva, sua “aproximação ao público” pode ser considerada um ponto frágil, mas sem sua leitura sugere que Bakhtin não teria despertado tanto interesse.

Nesse sentido, Venuti (2000) aponta dois tipos de processos tradutórios: a domesticação (“*domestication*”) e a estrangeirização (“*foreignization*”). O primeiro processo é entendido como a adaptação do texto traduzido ao horizonte de leituras do público alvo. A estrangeirização, por outro lado, é a preservação de traços específicos do texto traduzido, como exemplos, a criação de terminologia teórica adaptada ao texto original, no caso de tradução de teoria; às vezes o caso de manutenção de ordem sintática estranha à língua de chegada ou desvios semânticos, no caso de textos literários. De acordo com o autor norteamericano, nos países hegemônicos, como os Estados Unidos ou a França, a tendência é o processo de domesticação, em que se faz sentir a força da língua e da cultura de chegada (em detrimento das especificidades do original). Venuti (2000) é contrário a essa posição dominante de domesticação, pois considera necessária a manutenção mais próxima possível do texto original, preservando um sentido inicial do texto fonte. O autor explica que uma tradução sempre oferece outro texto ao leitor, visto que a tradução

[...] nunca comunica de forma imperturbável, porque o tradutor negocia as diferenças linguísticas e culturais do texto estrangeiro, reduzindo-as e fornecendo outro conjunto de diferenças, basicamente domésticos, elaborado a partir da linguagem e da cultura de recepção para permitir que o estrangeiro seja recebido lá (VENUTI, 2000, p. 468)¹⁰.

Dessa maneira, uma “tradução literal” parece sem sentido, o tradutor é o sujeito que está como a “ponte”, para usar da terminologia de Volochínov/Bakhtin (2009), entre os leitores e o autor. Nesse sentido, o tradutor é um mediador de leitura, em grande parte o texto é uma “palavra outra” do tradutor ao texto original. Nos termos de Venuti (2000), o tradutor é aquele que negocia as diferenças linguísticas e culturais, fornecendo, como a metáfora da ponte que lembramos acima, o texto em outra língua. Rónai (1987, p. 20) afirma que “uma versão literal, [...] fiel a apenas uma das duas línguas, é impossível”.

Na perspectiva de Jakobson (1995), o interesse do linguista nas questões de tradução se dá justamente pelo fato de que

Mais frequentemente, [...] ao traduzir de uma língua para outra, substituem-se mensagens em uma das línguas, não por unidades de código separadas, mas por mensagens inteiras de outra língua. Tal tradução é uma forma de discurso indireto: o tradutor recodifica e transmite uma mensagem recebida de outra fonte. Assim, a tradução envolve duas mensagens equivalentes em dois códigos diferentes (JAKOBSON, 1995, p. 64 - 65).

Comparar a tradução, como faz Jakobson (1995), ao discurso indireto (entendido aqui como recodificação de outra língua, transformação das mensagens – para usar da mesma nomenclatura do autor – de uma língua para outra) presume o discurso direto, sem o qual aquele não existe. Isto é, o discurso indireto existe com a única condição de que exista um discurso direto do qual se reporta. O discurso direto é o texto original na língua em que foi escrito, a tradução é discurso indireto na medida em que não informa na mesma língua do original. Nessa perspectiva está a importância de encontrar o tom correto e as escolhas lexicais mais acertadas, especialmente para o caso de traduções de textos teóricos. Não se trata de “boa ou má tradução”, mas o caso de respeitar ao máximo a teorização do autor original. Em outros termos, já que a tradução “nunca comunica de forma imperturbável” (VENUTI, 2000, p.468) e que ser fiel ao original é impossível (cf. RÓNAI, 1987, p.20), que não cause o efeito de perturbação do original, como a crítica bakhtiniana tem enfatizado a respeito das leituras feitas na França, sobretudo a de Kristeva, mas também de Todorov.

Nesse sentido, Navarro (1997) afirma que a “apresentação” feita por Kristeva em sua resenha de 1967 chama atenção do público francês e internacional para a riqueza e importância do pensamento bakhtiniano, inaugurando, então, um aproveitamento “aproveitamento muito pessoal da concepção bakhtiniana de *dialoguichnost*’(dialogicidade) – estreitando-a, por uma parte, e ampliando-a, por outra, para transformá-la em uma prática crítica subversiva, politicamente transformadora [...]” (NAVARRO, 1997, p. V)^{11 12}.

Talvez a leitura de Navarro (1997) não seja isenta, na medida em que provavelmente tenha bastante admiração pela pesquisadora franco-búlgara, a julgar pela dedicatória de seu artigo endereçada a Kristeva. Outros críticos,

contudo, questionam e problematizam o distanciamento que a leitura de Kristeva causou, gerando uma teorização em paralelo ao dialogismo do filósofo russo.

Tatiana Bubnova, responsável pela tradução da maioria dos textos do mestre russo para o espanhol, não economiza adjetivos no ataque a Kristeva:

A noção positivista de “fontes” e “influências” tem sido radicalmente repensada no contexto bakhtiniano do “dialogismo”, transformado em intertextualidade por Kristeva e desenvolvido pelos numerosos seguidores dela em noções **finalmente bastante remotas do original** (grifo adicionado) (BUBNOVA, 2016, p. 126).

A pesquisadora Julia Kristeva – carta de apresentação de Bakhtin na Europa – teve que reconhecer recentemente até que ponto sua interpretação de Bakhtin estava sujeita à necessidade de “**adaptá-lo**” ao horizonte de expectativas do público francês (grifo adicionado) (BUBNOVA, 2016, p. 199).

Paulo Bezerra, professor brasileiro que traduz Bakhtin diretamente do russo, é mais incisivo que Bubnova a respeito da posição de Kristeva na entrevista anteriormente citada:

Depois de reclamar que os bakhtinólogos haviam esquecido seu “pioneirismo” na divulgação de Bakhtin (na França, não em todo o Ocidente!), Kristeva afirma que adaptou Bakhtin ao contexto francês e ao leitor francês, e sem essa “adaptação” Bakhtin “poderia parecer algo oriundo do folclore russo e não suscitaria o interesse que suscita hoje” (p.114). Conclusão: sem a “adaptação” de Kristeva, Bakhtin não teria saído do limbo russo. Quanta empáfia! Que desrespeito à inteligência dos franceses! Que falta de respeito pelo outro, coisa tão cara ao próprio Bakhtin!

No Brasil, essa “adaptação” vem contribuindo para a **deformação** do pensamento bakhtiniano em escala temível. Citemos ao menos um exemplo. No livro *Intertextualidades* (Belo Horizonte: LÊ, 1995), de G. Paulino, I. Walty e M. Z. Cury, lemos: “a intertextualidade foi estudada primeiramente pelo pensador russo Mikhail Bakhtin” (p.21). E as autoras citam minha tradução de *PPD* [Problemas da Poética de Dostoiévski] como fonte bibliográfica. Em que página do livro aparece o termo “intertextualidade”, caríssimas caras-pálidas, que eu, o tradutor, nunca o encontrei? (grifo adicionado) (BEZERRA, 2010, p.XX).

A reclamação que Bezerra (2010) aponta sobre o pioneirismo que Kristeva alega ter no que se refere a Bakhtin, está já na primeira questão da entrevista, em que a autora afirma “Aprecio essa precisão a respeito da primazia do meu estudo porque eu tenho frequentemente o sentimento que os bakhtinianos de hoje esquecem esse fato” (KRISTEVA, THONSON, 1997, p.15)¹³. Essa “deformação” nos

termos de Bezerra (2010) é facilmente encontrada em estudos brasileiros relativos à literatura comparada, disciplina que teve suas bases em solo francês e que, em grande parte, ainda se apoia em autores da França. A noção de “intertextualidade” cunhada por Kristeva na resenha serve de apoio para muitos estudos atuais nessa área. Por exemplo, Nitrini (2000, p.158) afirma que “Para chegar à elaboração do conceito de intertextualidade, Kristeva apoia-se em reflexões e proposições de Bakhtin”. Nitrini (2000) também está de acordo com a leitura de Navarro (1997), de que o conceito de intertextualidade é fruto do desenvolvimento teórico de Kristeva¹⁴.

Jakobson (1995) nos ajuda a perceber como o interesse do linguista está voltado para a ciência dos signos e o quanto essa ciência se preocupa com questões que são de ordem tradutória:

Para o Linguista como para o usuário comum das palavras, o significado de um signo linguístico não é mais que sua tradução por um outro signo que lhe pode ser substituído, especialmente um signo "no qual ele se ache desenvolvido de modo mais completo", como insistentemente afirmou Peirce, o mais profundo investigador da essência dos signos (JAKOBSON, 1995, p. 63).

Portanto, a criticada “adaptação” feita por Kristeva pode ser entendida como a tradução para o sistema de signos daquilo que considerava que o público francês dominava (teoria linguística e teoria literária), ou seja, a tradução em signos conhecidos de uma terminologia desconhecida. Bezerra (2010) e Bubnova (2016) chegam à questão de que, de algum modo, isso foi um desserviço ao trabalho do próprio Bakhtin, já que se evadia do sentido bakhtiniano de dialogismo (entendido como relações entre os sujeitos que se dão no texto, mas um texto que é oral ou escrito, real ou virtual, face a face ou no grande tempo; o problema, segundo eles, é que “intertextualidade” não dá conta de tudo que “dialogismo” engloba). Navarro (1997) e Nitrini (2000), por outro lado, afirmam que a teorização é de autoria de Kristeva com base em Bakhtin.

Por fim, de acordo com Jakobson (1995, p. 66), já que temos uma “faculdade de falar uma determinada língua [isso] implica a faculdade de falar acerca dessa língua”, sendo assim, essa habilidade “metalinguística” permite ao tradutor a revisão e a redefinição do vocabulário, seja qual for o tipo de tradução de que se trata. O efeito dessa habilidade metalinguística do tradutor acarreta que “[...] Onde houver uma deficiência, a terminologia poderá ser modificada por empréstimos, calços, neologismos, transferências semânticas e, finalmente, por circunlóquios” (JAKOBSON, 1995, p. 66). Nos termos de Venuti (2000, p. 471), o tradutor em geral produz efeitos para comunicar o texto a estrangeiros, muitas vezes buscando análogos correntes junto ao público alvo estrangeiro. Essa alteração na terminologia para a explicação de uma determinada noção teórica pode servir para compreender a alteração proposta por Kristeva e reconhecida posteriormente como problemática pela própria autora (cf. KRISTEVA e THOMSON, 1998). De fato, o que provavelmente não foi previsto por Kristeva é a importância que essa alteração conceitual geraria nas leituras posteriores de Bakhtin no Ocidente, ou seja, não foram previstos os efeitos de sentido que a “adaptação” causaria.

Embora não seja assinada por Kristeva a tradução, ela afirma que lia bastante bem em russo, a ponto de ler as obras no original (no caso da resenha de 1967 ainda não havia tradução em francês) e certamente influenciar algumas escolhas lexicais da tradução. A respeito da tradutora do livro de Bakhtin de 1970, Thomson pergunta se Isabelle Kolitcheff era professora de russo em Paris. Kristeva responde que Kolitcheff ensinava russo, falava impecavelmente, mas era francesa de nascimento. Também informa que na época da tradução, como Bakhtin era desconhecido, Kolitcheff se propôs a traduzi-lo (cf. KRISTEVA, THOMSON, 1997, p.19)¹⁵.

No prefácio à tradução, Kristeva (1970) afirma que

O termo que Bakhtin emprega para designar a realidade linguística que o irá preocupar é *slovo*. Seu sentido primeiro direto e corrente é “palavra”, e assim foi traduzido; mas significa também, mais raramente e com ligeira conotação arcaica ou metafórica, “discurso”. Ora, é precisamente um conceito linguístico ausente na época que esse termo vem intuir, prever e propor: o conceito de uma linguagem levada a cabo por um sujeito e/ou de um sujeito ocorrendo na linguagem. Os conceitos de discurso, enunciado/enunciação, etc. que emergem hoje, na linguística moderna, tentam abarcar esse campo e preencher, sob o impulso psicanalítico, esse vazio que a ciência (lexilogia, semântica, estilística, poética) da época oferecia a Bakhtin. Ele foi um dos primeiros a perceber que as categorias que a linguística propunha e que a poética adotava eram categorias da *língua*, que abstraíam o sujeito, e, como tal, bastante eficazes no campo que a linguística restringiu para instituir-se como uma ciência, mas absolutamente ineficazes em práticas significantes complexas (como o romance) onde “significa” a partir do sujeito e com ele (KRISTEVA, 1970, p. 12)¹⁶.

De acordo com esse posicionamento de Kristeva (1970), o sentido mais corrente de “*slovo*” seria “palavra”, contudo a autora reconhece que há o sentido de “discurso”, mas um pouco arcaico ou metafórico. Essa informação indica que a autora provavelmente trabalhou de perto com a tradutora no sentido das escolhas lexicais.

Apontamentos sobre a tradução do termo “*slovo*” e a proximidade com a teoria dos atos de fala

Outras traduções da obra sobre Dostoiévski, por exemplo, usam respectivamente “*palabra*” (BAJTÍN, 2003) e “*discurso*” (BAKHTIN, 2010). Em trabalho a respeito do romance escrito entre 1934 e 1935, as traduções também destoam ao traduzir “*slovo*”, enquanto na tradução italiana se lê “*parola*” (BACHTIN, 1979), na tradução espanhola “*palabra*” (BAJTÍN, 1989) e nas

traduções francesa, norte-americana e brasileira, respectivamente, “*discours*” (BAKHTINE, 1978), “*discourse*” (BAKHTIN, 1981) e “*discurso*” (BAKHTIN, 2014).

No caso das traduções da terceira parte de *Marxismo e filosofia da linguagem* há diversidade de escolha lexical: na maioria das traduções que tivemos acesso usa-se “*discurso*” como Bakhtin/Volochínov (2009), Voloshinov (1973), Voloshinov (1976), Bakhtine/Volochinov (1977), Voloshinov (1992), Volóshinov (2009), contudo em Volochínov/Bakhtin (2011) se lê “*palavra*”. Com exceção das traduções de 1973, 1977, 1992, e 2009 (vertidas do russo, respectivamente, para o inglês, francês e as últimas duas para o espanhol) citadas acima, as outras são cotejadas com outras línguas, a única que destoa, usando “*palavra*” para traduzir “*slovo*” foi traduzida com cotejamento do italiano para o português.

Outros tradutores afirmam a respeito da polissemia do vocábulo “*slovo*” em russo. Por exemplo, Bubnova (2009) em nota de tradução explica que o dicionário de russo *Slovar russkogo iazyka* admite nove entradas para o termo. Para os propósitos teóricos da tradução das obras do círculo bakhtiniano, de acordo com Bubnova (2009), cinco entradas são importantes:

- 1) [...] unidade da língua que se serve para nomear um conceito isolado; 2) o próprio discurso, a faculdade de falar; 3) atuação pública oral, discurso em uma assembleia; 4) discurso sobre algum tema, narração, exposição (arcaísmo de estilo elevado); 5) opinião, alegação (BUBNOVA, 2009, p.33)¹⁷.

De acordo com a autora, essas acepções remetem tanto às noções de discurso, de linguagem e de verbo, todas elas igualmente polissêmicas em espanhol (o mesmo se aplica, podemos dizer, ao português). A essas acepções é preciso agregar, de acordo com a autora, o emprego especificamente bakhtiniano do termo russo *vyskazyvanie* (enunciado e enunciação) como sinônimo de *slovo*. Na nota de tradução do russo de Bakhtin (2014), os tradutores informam que *slovo* é traduzido literalmente como “*palavra*” e em contexto por “*discurso*”. Mesmo assim, os tradutores brasileiros utilizam mais vezes “*discurso*” em detrimento de “*palavra*”.

Por fim, conforme Sériot (2015), para o caso do prefácio que o autor francês escreveu para a tradução de 2010 de *Marxismo e filosofia da linguagem*, a escolha por traduzir “*slovo*” por “*Palavra*”, com maiúscula, serve para “chamar atenção do leitor para um campo semântico não apenas amplo, mais ainda em perpétua flutuação” (SÉRIOT, 2015, p.28). Também, de acordo com Sériot (2015, p.14), autor que convive com estudiosos de Bakhtin tanto na Rússia quanto no Brasil, na exegese russa não existe sequer menção à noção de “*discurso*”, todavia, no Brasil os estudos bakhtinianos estão muito ligados a essa perspectiva, produzindo uma espécie de “discursivização” da teoria de Bakhtin, ou seja, o que na teoria de base estava distribuído em diversas noções é reunido sobre outro leque teórico, a noção de discurso, muito influenciada pelos estudos dos franceses em análise do discurso (não por acaso, as leituras de Bakhtin no Ocidente iniciaram mais ou menos contemporâneas ao florescimento dessa disciplina).

Outro caso que exemplifica a ocidentalização dos textos de Bakhtin e de Volochínov através das traduções é a identificação do que é um “ato discursivo” (BUBNOVA, 2016, p. 198), em *Marxismo e filosofia da linguagem*, com a noção de “atos de fala”, derivada da teorização de J.L. Austin. Segundo Bubnova (2016, p.198), esse “ato discursivo” (*rechevoi act, act vyskazyvania*) se inscreve no mesmo paradigma de “ato ético” (*postupok*) e de “enunciado” (*slovo, vyskazyvanie*), conceitos que ultrapassam o puramente verbal e semântico, isto é, a noção de “atos de fala” não dá conta da expansão que o “ato discursivo” exige.

Nessa perspectiva, por exemplo, na tradução brasileira indireta figura “atos de fala” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p.43), derivado aparente da versão em inglês “speech performances” (VOLOSHINOV, 1973, p. 19) e na tradução indireta do espanhol “actos de habla” (VOLOSHINOV, 1976, p. 32). Aí está a questão derivada das traduções indiretas, já que conhecendo o contexto dos estudos da linguagem de tradição anglófona dos anos sessenta em que a teoria dos atos de fala foi relativamente popular, as três traduções que mencionamos acima guardam laços com esse contexto: a primeira, de 1973, foi produzida e publicada na Inglaterra, berço da teoria de Austin; a tradução de 1976 para o espanhol, feita com cotejo da versão inglesa e a tradução brasileira, feita com cotejo da versão inglesa e francesa, embora os tradutores informem traduzir especialmente do francês, esse ponto é bastante fiel à versão do inglês. Por outro lado, as traduções diretas do espanhol trazem, para o mesmo caso e exato parágrafo localizado no segundo capítulo, respectivamente, “comunicación discursiva” (VOLOSHINOV, 1992, p.44) (VOLÓSHINOV, 2009, p.41); “comunicación verbale” (BAKHTINE, VOLOSHINOV, 1977, p.38). Na recente tradução brasileira feita diretamente do russo se utiliza “discursos verbais” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 107).

Algumas considerações finais

Por fim, podemos afirmar que as leituras e as traduções da teoria bakhtiniana têm produzido uma “ocidentalização” de Bakhtin. Especialmente as traduções indiretas produziram esse efeito de sentido. Quando Kristeva declara em entrevista que foi obrigada a adaptar a teoria de Bakhtin ao contexto dos leitores franceses, procurando encontrar terminologia mais próxima ao horizonte de recepção, é um indício dessa “ocidentalização”.

A questão das traduções indiretas produziu também um efeito na leitura, afinal a retradução é já “discurso indireto”, para usar a terminologia de Jakobson (1995). Nesse sentido, retomando a perspectiva teórica de Venuti (2000), se a tradução se adapta (via domesticação ou estrangeirização) ao contexto de recepção o que dizer de uma tradução que é vertida a uma segunda língua? A tradução indireta deixa entrever a leitura do contexto a que se dirigia. Por isso a tradução brasileira vertida indiretamente do francês e do inglês usa “atos de fala” ao invés de outra opção, por exemplo.

Um exemplo gráfico é o que levantamos a respeito da retradução de *Marxismo e filosofia da linguagem* para o espanhol (VOLOSHINOV, 1976) e para o

português (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009), em que figura a “adaptação” dos tradutores ingleses ao público que já conhecia a teoria de Austin sobre os atos de fala (nesse caso da retradução do inglês, passando por um processo de domesticação). O contraste que fizemos com a obra vertida diretamente para espanhol (VOLOSHINOV, 1992; VOLÓSHINOV, 2009) e francês (BAKHTINE, VOLOSHINOV, 1976) demonstra como é entendido pelos tradutores a noção de “ato discursivo” (para esses casos, o processo é de estrangeirização, ou seja, a manutenção de características específicas do contexto original).

A tradução do termo russo “slovo” problematizada desde o prefácio de Kristeva (1970) vem causando discussão desde então. Na maioria das traduções que manuseamos consta ao menos menção à polissemia do termo, como apontado por Bubnova (2016), mas, naturalmente, haverá disputa de sentidos e cada tradutor quererá fixar o sentido mais adequado em relação à própria tradução. Como exemplo desse movimento, podemos destacar o empreendimento de Sérriot (2015) que prefere o usar letra maiúscula em “Palavra para se inscrever um paradigma de diferença em relação aos outros tradutores. Ou o cotejo que Grillo e Américo (2017, p. 364) fazem em seu glossário à tradução direta de *Marxismo e filosofia da linguagem* com a tradução de Paulo Bezerra de *Problemas da poética de Dostoiévski*: as autoras destacam que sua tradução de *slovo* é *palavra*, mas consideram pertinente localizar o leitor do glossário em relação à variação terminológica dentro das próprias obras do Círculo de Bakhtin.

Dos exemplos que apresentamos, o livro sobre *Dostoiévski* em seu quarto capítulo apresenta “palavra” em Bajtín (2003) e “discurso” em Bakhtin (2010), ambas são vertidas diretamente do russo. No ensaio escrito entre 1934-1935, as traduções para o italiano e espanhol utilizam o equivalente a “palavra” (BACHTIN, 1979; BAJTÍN, 1989), no caso das traduções francesa, norte-americana e brasileira usa-se termo equivalente a “discurso” (BAKHTINE, 1978; BAKHTIN, 1981; BAKHTIN, 2014). No que se refere à terceira parte de *Marxismo e filosofia da linguagem* há variação terminológica, mas apenas a tradução para o português cotejada com o italiano (VOLOCHÍNOV/BAKHTIN, 2011), usa “palavra” para traduzir “slovo”. As restantes, todas, utilizam “discurso” (VOLOSHINOV, 1973; VOLOSHINOV, 1976; BAKHTINE/VOLOSHINOV, 1977; VOLOSHINOV, 1992; VOLÓSHINOV, 2009; BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009; VOLÓCHINOV, 2017) e não existe um padrão, tanto as vertidas diretamente do russo, como as traduções indiretas usam “discurso”.

O que permanece, finalmente, é o fato de que revisar as diferentes traduções da obra bakhtiniana é importante na medida em que percebermos cada uma respondendo a seu tempo específico: não há melhores ou piores traduções. São versões disponíveis, na verdade, do mesmo texto. E, nessa conjuntura, destacamos a pertinência do trabalho com as fontes e com versões dos textos, o trabalho de revisão dos originais, os esforços de algumas editoras brasileiras em trazer as discussões do Círculo de Bakhtin através da publicação de textos inéditos no Brasil.

O trabalho realizado por Kristeva, a despeito de seu pretense pioneirismo na Europa, contribuiu para as discussões sobre o que é uma leitura permitida ou não da obra de Bakhtin; o mesmo se pode dizer a respeito da aproximação indesejada da teoria dos atos de fala. O termo “slovo” permanece flutuante nas

traduções, apesar das tentativas de fixação de sentidos por meio dos discursos de autoridade dos tradutores. Nada mais bakhtiniano que considerar que a tradução é uma resposta, assim, seu existir no mundo é alimentado por um desejo de alteridade.

Notas

1 Não obtivemos acesso ao original em francês, contudo, é possível ler uma versão bastante semelhante a uma resenha em Kristeva (1997). Em 1969 a resenha passou a ser o quarto capítulo do livro *Sèméiôtikè – Recherches pour une sémanalyse*. A segunda edição da tradução brasileira desse livro, com o título *Introdução à semanálise*, é de 2005. Nesse sentido, utilizamos ambos os textos como fontes.

2 Duas traduções francesas do livro datam de 1970; uma delas traduzida por Isabelle Kolitcheff, com prefácio de J. Kristeva na editora Editions Du Seuil (cujo título era *La Poétique de Dostoïevski*) e a segunda publicada pela editora L'Âge d'Home e traduzida por Guy Verret, com o título fiel ao original *Problèmes de La poétique de Dostoïevski*. Agradecemos ao prof. Dr. Moacir Lopes de Camargos pelo acesso a esse texto.

3 Sobre a discussão em torno da autoria dos textos do Círculo, indicamos as contribuições de alguns autores como Bronckart e Botta (2012), Grillo (2012), Sériot (2015) Bubnova (2016), entre outros. Para os fins deste artigo, citamos as traduções conforme suas fichas catalográficas (inclusive com mesma grafia), seguindo, portanto, a respectiva decisão editorial e a opção dos tradutores responsáveis. Esse imbróglgio é posterior à produção e publicação dos textos fonte e o próprio Bakhtin, em sua velhice, teve oportunidade de desfazer o problema, mas tangenciava as perguntas a respeito do tema (Veja-se, nesse sentido, a entrevista que deu a Duvakin em 1973, cf. bibliografia).

4 *Freudismo e Marxismo e filosofia da linguagem* foram assinados nas primeiras edições russas por Volochínov, *O método formal nos estudos literários*, por Medviédev e somente *Problemas da obra de Dostoiévski* por Bakhtin. Na esteira do que apresentamos na nota anterior, as discussões a respeito da autoria partem de duas questões excludentes entre si: 1) para os adeptos à ideia da *onipaternidade* de Bakhtin, esse autor seria o “mestre intelectual” do grupo, Volochínov e Medviédev seriam “discípulos” de Bakhtin; 2) os adeptos da teoria da autoria das obras disputadas serem realmente do punho de Volochínov e Medviédev levam em conta a quase concomitância das datas de primeira publicação e alegam ser impossível apenas uma pessoa ter escrito os quatro livros e ainda uma série de artigos publicados em revistas sob o nome de Volochínov (ver a coletânea VOLOCHÍNOV, 2013).

5 Nesse meio tempo, Bakhtin esteve exilado no Cazaquistão (entre 1930 e 1934 por obrigação, quando cumpriu esse tempo estipulado permaneceu ainda por mais dois anos). Algum tempo depois voltou à Rússia, sob a alegação de que precisava de tratamento médico. Fez seus estudos de doutoramento, defendeu uma tese sobre a cultura popular nos romances de F. Rabelais, mas não obteve o título depois da defesa, os avaliadores entendiam que a tese não obedecia a padrões acadêmicos aceitáveis. O título foi concedido alguns anos mais tarde, depois de duas revisões do autor (cf. PONZIO, 2012, p. 327-329).

6 De acordo com Ponzio (2012, p.328), a tradução do livro sobre Dostoiévski para o servo-croata é de 1967, para italiano e japonês data de 1968, em espanhol surgiu em 1974. De

acordo com a cronologia do autor italiano, essas são as primeiras traduções de Bakhtin. Conferir a primeira nota de rodapé a respeito das traduções que manuseamos dessa resenha.

7 Tradução nossa do original em francês: “Genette et Barthes n’avaient jamais entendu parler de Bakhtine, et ils trouvaient cette pensée passionnante. Barthes m’a demandé de faire un exposé sur Bakhtine dans le cadre de son cours. C’est ainsi que j’ai préparé un texte qui était destiné à la fois à la revue *Critique* et au séminaire. Cette présentation a eu lieu à l’automne 1966, peu avant que le texte soit publié dans la revue *Critique*” (KRISTEVA, THOMSON, 1998, p.17).

8 Embora tenhamos acesso a ambos os textos, preferiremos citar sempre em português. A diferença pontual entre as traduções é que em espanhol o texto é baseado na tradução do original publicado em 1967, graficamente é semelhante a uma resenha. Na versão em português, transformada em capítulo de livro, mesmo o nome de Bakhtin não consta mais no título. Ainda que o texto se mantenha como uma resenha dos dois livros do filósofo russo.

9 Tradução nossa do original em francês: [...] Je suis contente d’avoir contribué à la diffusion de ces textes qui revêtent, à mon avis, une grande importance. Je ne pense pas seulement aux oeuvres sur Rabelais et Dostoïevski mais aussi à toute la recherche de Bakhtine qui a été mise en évidence par la suite. Je suis contente aussi qu’à partir de là il y ait eu de meilleures interprétations, plus fidèles à Bakhtine. Mon idée consistait d’abord à indiquer son existence et à le situer dans le contexte français. Il fallait donc l’interpréter à partir de ce contexte français, le rendre lisible aux Français. Ce qui peut être considéré comme une faiblesse, parce que cette démarche donne un Bakhtine traduit et accommodé au regard français. Je pense pourtant que c’était une nécessité pour moi, et une bonne chose pour tout le monde, car s’il n’y avait pas eu cette accommodation, il aurait peut-être paru comme relevant du folklore russe et n’aurait pas suscité l’intérêt dont il jouit maintenant (KRISTEVA, THOMSON, 1997, p.19-20).

10 Tradução nossa do original em inglês: [...] never communicates in an untroubled fashion because the translator negotiates the linguistic and cultural differences of the foreign text by reducing them and supplying another set of differences, basically domestic, drawn from the receiving language and culture to enable the foreign to be received there (VENUTI, 2000, p. 468).

11 Tradução nossa do original em espanhol: “muy personal de la concepción bajtiniana de la *dialoguichnost*’ (dialogicidad) – estrechándola, por una parte, y ampliándola, por otra, para hacer de ella una práctica crítica subversiva, políticamente transformadora [...]” (NAVARRO, 1997, p. V).

12 Há quem diga, como Bronckart e Botta (2012), que Bakhtin se tornou o centro de uma disputa por querelas ideológicas e políticas nesse contexto francês próximo ao ano de 1968.

13 Tradução nossa do original em francês: “J’apprécie cette précision concernant la primauté de mon étude car j’ai souvent le sentiment que les bakhtiniens d’aujourd’hui oublient ce fait” (KRISTEVA, THONSON, 1997, p.15).

14 Nitrini (2000, p.158) ainda afirma que “Bakhtin foi um dos primeiros formalistas russos” (sic). Naturalmente a autora brasileira segue a linha de raciocínio de Kristeva e ignora os trabalhos realizados por Bakhtin, Medviédev e também Volochínov, nos quais criticam de forma aberta o formalismo russo e a falta de percepção do texto como um todo, do enunciado completo. Esse é um dos problemas gerados pela leitura fragmentada de uma teoria, Bakhtin certamente sofreu com isso. As traduções foram desconstruídas com as datas de publicação

original, feitas de forma indireta, ou o apresentador/prefaciador direciona a leitura, como é o caso de Kristeva.

15 O tom da resposta de Kristeva sugere que era bastante próxima dessa tradutora, argumento que sustenta a hipótese que levantamos acima de que as escolhas lexicais em muitos casos são negociadas com a prefaciadora (ver o trecho do prefácio nas próximas páginas em que há menções que corroboram com nossa leitura), o tom pode ser visto nessa questão feita a Kristeva: Clive Thomson: Isabelle Kolitcheff era professora de russo em Paris? Julia Kristeva: Ela era leitora de russo, ensinava a língua. De origem russa, falava um russo impecável, nascida em França, era completamente bilíngue. Quando lhe falei desse texto, ela gostou muito e propôs-se traduzi-lo uma vez que, na época, ninguém conhecia Bakhtin. (KRISTEVA, THOMSON, 1997, p.19). Tradução nossa do original em francês: “Clive Thomson: Isabelle Kolitcheff était-elle professeur de russe à Paris? Julia Kristeva: Elle était lecteur de russe, elle enseignait la langue. D’origine russe, elle parle un russe impeccable, née en France, elle est complètement bilingue. Quand je lui ai parlé de ce texte, elle l’a beaucoup aimé et s’est proposée de le traduire puisque, à l’époque, personne ne connaissait Bakhtine” (KRISTEVA, THOMSON, 1997, p.19).

16 Tradução nossa do original em francês: “Le terme que Bakhtine emploie pour désigner la réalité linguistique qui le préoccupera, est *slovo*. Son premier sens direct et courant est « mot », et c’est ainsi qu’il a été traduit; mais il veut dire aussi, plus rarement et avec une légère connotation archaïque ou métaphorique, “discours”. Or, c’est justement un concept linguistique manquant à l’époque que ce terme vient pressentir, prévoir et déjà poser: le concept d’un langage porté par un sujet et/ ou d’un sujet se faisant dans le langage. Les concepts de *discours*, *énoncé/enonciation*, etc. se dégagent aujourd’hui, en linguistique moderne, pour essayer d’atteindre ce champ et pour remplir, sous la poussée psychanalytique, ce vide que la science (lexilogie, sémantique, stylistique, poétique) de l’époque offrait à Bakhtine. Il était un des premiers à s’apercevoir que les catégories que la linguistique proposait et que la poétique adoptait, étaient des catégories de la *langue*, abstraction faite du *sujet*, et comme telles tout à fait opérantes dans le champ que la linguistique a restreint pour s’y édifier comme science, mais absolument inopérantes dans des pratiques signifiantes complexes (tel le roman) où “ ça signifie ” à partir du sujet et avec lui” (KRISTEVA, 1970, p. 12).

17 Tradução nossa do original em espanhol: “unidad de la lengua que sirve para nombrar un concepto aislado; 2) el mismo discurso, la facultad de hablar; 3) actuación pública oral, discurso en una asamblea; 4) discurso sobre algún tema, narración, exposición (arcaísmo de estilo elevado); 5) opinión, alegato” (BUBNOVA, 2009, p.33).

Referências

BACHTIN, Michail M. La parola nel romanzo. In. BACHTIN, Michail. *Estetica e romanzo*. Tradução de C.S. Janovic. Torino: Einaudi, 1979.

BAJTÍN, Mijaíl M. La palabra en la novela. In. BAJTÍN, Mijaíl M. *Teoría y estética de la novela*. Tradução H. Kriukova e V. Cazcarra. Madrid: Taurus, 1989, p.77-237.

BAJTÍN, Mijaíl M. *Problemas de la poética de Dostoievski*. Tradução T. Bubnova. México: FCE, 2003.

BAKHTIN, Mikhail M. (Valentín N. VOLOCHÍNOV). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução de M. Lahud e Y.F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 2009.

BAKHTIN, Mikhail M. *A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais*. Tradução: Y. F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 2013.

BAKHTIN, Mikhail M. *Mikhail Bakhtin em diálogo: conversas de 1973 com Viktor Duvakin*. Tradução de D. M. Mondardo. São Carlos: Pedro & João Editores, 2008.

BAKHTIN, Mikhail M. Discourse in the novel. In. BAKHTIN, Mikhail M. *The dialogic imagination*. Tradução C. Emerson e M. Holquist. Austin: University of Texas Press, 1981, p.259-422.

BAKHTIN, Mikhail M. O discurso no romance. In. BAKHTIN, Mikhail M. *Questões de literatura e de estética*. Tradução de A. Bernardini e outros. São Paulo: Ed. da UNESP, 2014, p.71-210.

BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução de P. Bezerra. São Paulo: Forense Universitária, 2010.

BAKHTINE, Mikhail M. (Valentín N. VOLOCHINOV). *Le marxisme et la philosophie du langage*. Tradução do russo de M. Yaguello. Paris: Minuit, 1977.

BAKHTINE, Mikhail M. Du discours romanesque. In. BAKHTINE, Mikhail M. *Esthétique et théorie du roman*. Tradução D. Olivier. Paris: Gallimard, 1978, p. 122-182.

BAKHTINE, Mikhail M. *La poétique de Dostoievski*. Tradução I. Kolitcheff. Paris: Éditions du Seuil, 1970.

BAKHTINE, Mikhail M. *Problèmes de la poétique de Dostoievski*. Tradução G. Verret. Lausanne: L'Âge d'Home, 1970.

BEZERRA, Paulo. Prefácio – uma obra à prova do tempo. In. BAKHTIN, Mikhail M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução de P. Bezerra. São Paulo: Forense Universitária, 2010.

BRONCKART, Jean-Paul. & BOTA, Cristian. *Bakhtin Desmascarado – história de um mentiroso, de uma fraude, de um delírio coletivo*”. Tradução M. Marcionilo. São Paulo: Parábola Ed., 2012.

BUBNOVA, T. *Do corpo à palavra: leituras bakhtinianas*. Organização, tradução e notas de Nathan Bastos de Souza. São Carlos: Pedro & João Editores, 2016.

BUBNOVA, Tatiana. Prefácio: Valentín Nikoláievich Volóshinov (1894-1936), El marxismo y La filosofía del lenguaje y el Círculo de Bajtín. In. VOLÓSHINOV, Valentín.N. *El marxismo y la filosofía del lenguaje*. Tradução e prefácio de Tatiana Bubnova. Buenos Aires: Ediciones Godot Argentina, 2009, p. 5-15.

GRILLO, Sheila C. Prefácio – A obra em contexto: tradução, história e autoria. In. MEDVIÉDEV, Pavel. N. *O método formal nos estudos literários*. Introdução crítica a uma poética sociológica. Tradução de S. Grillo e E. V. Américo. São Paulo: Contexto, 2012, p.19-38.

GRILLO, Sheila C. AMÉRICO, Ekaterina V. Glossário. In. VOLÓCHINOV, Valentín N. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução, notas e glossário de S. Grillo e E.V. Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

JAKOBSON, Roman. Aspectos lingüísticos da tradução. In. JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. Tradução de I. Blikenstein e J.P. Paes. São Paulo: Cultrix, 1995, p.63-73.

KRISTEVA, Julia. A palavra, o diálogo e o romance. In. KRISTEVA, Julia. *Introdução à semântica*. Tradução de L. Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 2005, p. 65-97.

KRISTEVA, Julia. Bajtín, la palabra, el diálogo y la novela. Tradução de D. Navarro. *Colección Criterios*. La Habana: Casa de las Américas, 1997.

KRISTEVA, Julia. Une poétique ruinée In. BAKHTINE, Mikhail M. *La poétique de Dostoievski*. Tradução I. Kolutcheff. Paris: Éditions du Seuil, 1970, p. 5-27.

NAVARRO, Desiderio. Intertextualité – treinta años después. *Colección Criterios*. La Habana: Casa de las Américas, 1997.

NITRINI, Sandra. Literatura comparada no Brasil. In. NITRINI, Sandra. *Literatura comparada. História, teoria e crítica*. São Paulo: EdUSP, 2000, p.08-40.

PONZIO, Augusto. *A revolução bakhtiniana*. Coordenação de tradução V. Miotello. São Paulo: Contexto, 2012.

RÓNAI, Paulo. *Escola de tradutores*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

SÉRIOT, Patrick. *Vološinov e a filosofia da linguagem*. Tradução de M. Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

THOMSON, Clive. e KRISTEVA, Julia. Dialogisme, carnivalesque et psychanalyse: entretien avec Julia Kristeva sur la réception de l'oeuvre de Mikhail Bakhtine en France. *Recherches sémiotiques/Semiotic Inquiry*, vol. 18: 1-2, 15-30, 1998.

VENUTI, Lawrence. Translation, community, utopia. In. VENUTI, Lawrence (ed.) *The translation studies reader*. Londres: Routledge, 2000, p. 468-488.

VOLOCHÍNOV, Valentín N. BAKHTIN, Mikhail. *Palavra própria e palavra outra na sintaxe da enunciação*. Tradução de V. Miotello e outros. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.

VOLÓCHINOV, Valentín N. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução, notas e glossário de S. Grillo e E.V. Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

VOLOSHINOV, Valentín N. *El marxismo y la filosofía del lenguaje*. Tradução de T. Bubnova. Madrid: Alianza Editorial, 1992.

VOLÓSHINOV, Valentín N. *El marxismo y la filosofía del lenguaje*. Tradução e prefácio de T. Bubnova. Buenos Aires : Ediciones Godot Argentina, 2009.

VOLOSHINOV, Valentín N. *El signo ideológico y la filosofía del lenguaje*. Tradução do inglês de R. M. Rússovich. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1976.

VOLOSHINOV, Valentín N. *Marxism and the philosophy of language*. Tradução do russo L. Matiejka e I. Titunik. Londres-Cambridge: Harvard University Press, 1973.

Para citar este artigo

SOUZA, Nathan Bastos de; MIOTELLO, Valdemir. Uma contribuição à crítica bakhtiniana: a(s) leitura(s) de Kisteva, o termo "slovo" e outros problemas em algumas traduções. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 8, n. 3, p. 545-562, set.-dez. 2019.

Os autores

Nathan Bastos de Souza foi professor substituto na Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), campus Itaqui, na área de Linguística e Língua Portuguesa. É doutorando em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos (PPGL/UFSCar), em que obteve também seu título de mestre. Graduado em Licenciatura em Letras - Línguas Portuguesa, Espanhola e respectivas literaturas pela Universidade Federal do Pampa - (UNIPAMPA).

Valdemir Miotello possui graduação em Filosofia pela Faculdade de Filosofia Imaculada Conceição [Seminário Maior de Viamão] (1974), mestrado em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (1996) e doutorado em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (2001). É Professor Associado IV (aposentado) da Universidade Federal de São Carlos, lotado no Departamento de Letras. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Estudos Bakhtinianos. É líder do Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso - GEGe/UFSCar.